

## PERFORMANCES 2020: DA IMENSIDÃO DOS FOGOS DE COPACABANA AO CONFINAMENTO NO BANHEIRO

*PERFORMANCES 2020: BETWEEN THE IMMENSITY OF COPACABANA FIREWORKS AND CONFINEMENT IN THE BATHROOM*

**Francisco (Chico) Fernandes/UERJ**

---

### RESUMO

Esta comunicação é um relato de pesquisa de trabalhos artísticos realizados em 2020. Será abordado um conjunto de trabalhos que vão desde ações em espaços públicos até os recentes trabalhos em casa. Em todos os trabalhos performo nu, seguindo uma linha que sigo desde 2017, e alguns destes trabalhos remetem ao trabalho de outros artistas, como em dois trabalhos que comentarei aqui que homenageiam o artista Aimberê Cesar. A parte central da comunicação é a transição do processo de trabalho em espaços públicos para a esfera privada devido pandemia que vivemos. Comentarei um trabalho que penso ser a transição, em espaço público já durante a pandemia e problematizo a noção de dissenso. E termino apresentando três trabalhos feitos em casa durante a pandemia, e cujo isolamento necessário faz parte da poética destes trabalhos.

### PALAVRAS-CHAVE

Performance; Fotografia; Nudez; Pandemia.

### ABSTRACT

*This communication is a research report of artistic work carried out in 2020. It will be discussed a set of works ranging from actions in public spaces until the recent work at home. In all works I perform naked, following a line I have worked since 2017, and some of these works refer to the work of other artists, as in two works that I will comment on here that honor the artist Aimberê Cesar. The central part of the communication is the transition of the work process in public spaces to the private sphere due pandemic which we live. I comment on a work that I think is the transition, in public space already during the pandemic and I problematize the notion of dissent. And I finish by presenting three*

*works done at home during the pandemic, and the necessary isolation is part of the poetics of these works.*

## **KEYWORDS**

*Performance, Photography; Nudity; Pandemic.*

## **Introdução**

Apresentarei neste relato de pesquisa o conjunto de ações que desenvolvi em 2020. Descreverei o processo cronologicamente, desde a primeira ação, realizada no primeiro dia do ano, até meu mais recente trabalho. Desde 2017 trabalho com *performances* nu em espaços públicos. Na primeira experiência me banho em um canal de esgoto, feita exclusivamente para o registro fotográfico, mas que em seguida volto a um lugar muito próximo, porém agora visível para os transeuntes. Então o trabalho entra em um novo patamar de desafio e limite, de provocar o olhar do outro. Em algumas ações remeto ao trabalho de outros artistas, principalmente do artista performático Aimberê Cesar (1958-2016), artista que é referência para diversas ações que faço assim como pesquiso sua trajetória em minha tese. Entre 2017 e 2020 fiz principalmente este tipo de ação<sup>1</sup>, até o início da pandemia no Brasil. Apresentarei em seguida um trabalho feito em espaço público já durante a quarentena e discorro sobre a ambiguidade de se realizar ações na rua neste período. Terminarei apresentando três trabalhos feitos durante a quarentena, cujo sentido das experiências está diretamente relacionado às consequências da crise que vivemos. Em todo este conjunto de trabalhos, tanto nas *reperformances* quanto nas outras ações, o que é enfatizado é a contestação do *status quo*, do que é convencionalmente estabelecido. Qual o problema da nudez se nascemos nu? E a questão mais recente, como pensar numa potência simbólica em tempos de confinamento?

## **O câmara nu depois de Aimberê Cesar (Réveillon de Copacabana) 2019-2020**

Minha pesquisa com *performance* nu em espaços públicos não se restringe a releituras de trabalhos do Aimberê, como por exemplo nos trabalhos em que me banho no esgoto e em Caminhada Lunar<sup>2</sup>, porém acredito ser uma parte fundamental do conjunto destas ações. Mas para além das questões intencionadas por ele, do questionamento da submissão dos corpos e arbitrariedade de certas convenções também trabalho com memória, por exemplo. Aimberê não remetia sua ação a de outro artista, enquanto eu remeto a ele. É possível pensar em como na tradição da arte comumente artistas se referem a outros. É possível dizer inclusive que um trabalho de arte é sempre um comentário sobre algum outro. Então além de um trabalho de memória há um trabalho de história da arte. Trazer de volta à visibilidade um artista com produção pujante, efêmera, não discutida e vista suficientemente, mas também reatualizada para que minha prática também tenha sentido, não seja apenas uma homenagem ou repetição.

Então a partir de outra *performance* de Aimberê Cesar (já havia reperformado outra ação sua, *O ciclista nu*, 2019), desta vez refaço *O Câmera Nu*, seu trabalho mais icônico, e referência mais importante em minha pesquisa. Esta *reperformance* do artista consistiu em *performar* nu com uma câmera filmadora, durante os fogos do réveillon de Copacabana 2019/2020 (Figura 1). Este trabalho explora de forma lúdica a idéia do ver e ser visto, do cameraman enquanto ser idealmente invisível em contraposição à nudez que chama a atenção da presença, ideia do Aimberê<sup>3</sup>. Minha diferença evidente é levá-la ao espaço público. Focalizei a câmera em direção apenas aos fogos, nunca às pessoas na praia. Cabe ressaltar que já fiz anteriormente quatro *performances* durante os fogos de Copacabana, então ocorre o alinhamento de dois interesses; a repetição de fazer *performances* durante os fogos, e o interesse de reperformar e repotencializar o trabalho do artista.

Houve novamente todo um período de angústia e preparação que levaram meses, de pensar como a *performance* seria interrompida, principalmente porque em meu trabalho anterior, *Caminhada Lunar*, agi até a interrupção da polícia e o projeto era justamente este, fazer até ser interrompido. E como seria? No réveillon havia uma preocupação a mais que era a grande quantidade de pessoas, em um evento que muitos chamariam de familiar, e realmente havia um número enorme de crianças na praia, tanto quanto de pais alcoolizados. Havia uma densidade de pessoas muito grande, sendo que jamais tinha feito uma ação nu em espaço público com tanta gente. Acredito que não houve problema pelo excesso de energia do momento dos fogos, e que se fosse antes ou depois, imagino que rapidamente teria. E novamente a percepção de um ato de loucura é comum neste tipo de gesto no espaço público. E sim, a *performance* durou um tempo significativo, aproximadamente dois minutos, onde todos perto em algum momento perceberam a ação, e era muita gente perto. E com muita polícia, inclusive havia polícia de jet-sky no mar! Mas pela polícia não fui visto.



Figura 1. Chico Fernandes. *Câmera nu depois de Aimberê Cesar (Copacabana) 2019-2020*.  
Foto: Rafaela Celano

Diferente de minha ação anterior, que fiz até que tivesse alguma interrupção, seja ela qual fosse, neste trabalho desejava que fosse assim novamente, mas aberto a planos diferentes de fuga. Neste trabalho dependi muito da fotógrafa que trabalhou comigo, Rafaela Celano, única pessoa comigo na praia e que sou eternamente grato. E como estava de costas para o grande público na areia e ela de frente, foi responsável não apenas por documentar, mas também pela minha segurança. Tínhamos combinado tentar fazer o máximo de tempo possível e que qualquer tipo de interrupção era importante ser documentada. Mas também combinamos que se viessem muitas pessoas de forma violenta ela me daria um sinal. Estava muito preocupado, pois estava na beira do mar que trazia um perigo a mais caso ocorresse algo. Combinamos também que se fosse possível ela pegaria minha filmadora e eu nadaria para o mar, e apenas se parecesse que haveria uma reação que saísse do controle ela não pegaria a câmera e fingiríamos não nos conhecer, afinal ela assim como eu tem filho também! Acabou que ela teve a percepção de uma movimentação brusca de algumas pessoas e me deu o pior sinal de aviso, se afastando sem que eu pudesse entregar minha câmera, que sem pestanejar lancei ao mar e nadei! Dentro do mar estava apenas com minha sunga que tinha enrolado no pé durante a ação pensando já na possibilidade de não encontrá-la depois da ação. E realmente nos perdemos, saí de sunga do mar e apenas a encontrei bastante tempo depois na porta de sua casa. E fiquei muito preocupado com ela também, pois entrei no mar nadando, e ela saiu sozinha e claramente estava junto comigo. Demoramos a encontrar, mas felizmente nada ruim ocorreu.

### **Domingo na FIESP**

Domingo, dia 16 de fevereiro de 2020, eu e Helena Marc realizamos uma *performance* (Figura 2) em parceria na Av. Paulista, em frente à FIESP (lugar marcado do Capital e da política recente brasileira). Mais uma vez evocamos os gestos libertários do artista performático Aimberê Cesar, que ganhou novos sentidos. Fiquei extremamente feliz com esta parceria na medida em que tal *performance* conjunta também faz muito sentido ao trabalho da Helena, que já realizou ações com nudez em espaços públicos de São Paulo, como no Centro, e na própria Av. Paulista. Propus a ela esta ação conjunta, dela andar de bicicleta nua, enquanto eu a filmava, também nu. A *performance* teve registros em fotografias e vídeo. A ação durou aproximadamente dois minutos, que também me pareceu um tempo significativo para proporcionar uma experiência às pessoas que passavam pela rua, que foram muitas em um domingo anterior ao carnaval, com muitos blocos, e por isto a Av. Paulista estava aberta a carros neste dia. Mais uma vez (assim como em *Caminhada Lunar*) a Polícia de São Paulo apenas entrevistou e pediu que colocássemos nossas roupas, e ficou novamente claro como há uma abordagem tolerante com pessoas brancas nas áreas nobres da cidade. Fiquei feliz com a participação da Helena, que em uma ação conjunta trouxe novos elementos poéticos ao conjunto de ações artísticas que realizo, assim como acredito no acréscimo de sentido ao conjunto de ações realizadas por



ela. Comparado às ações de Aimberê, é acrescida agora além da esfera pública, a relação de duas pessoas, um homem com excesso de peso junto com uma mulher, em frente a um lugar icônico, não da arte, mas da economia Capitalista, e a dimensão crítica que simboliza.



Figura 2. Chico Fernandes *Domingo na FIESP*, 2020. Em parceria com Helena Marc 2:40 min.  
<https://vimeo.com/396333678>

### **O equilibrista**

Dia 31 de março realizei a *performance* para câmera *O equilibrista* (Figuras 3, 4 e 5), registrada pela fotógrafa Marla Pritsch. A ideia era que, no período de quarentena imposto pela pandemia do COVID-19, realizasse uma ação, no principal parque de Porto Alegre, em um momento em que o distanciamento social e ficar em casa eram extremamente recomendados. Nossa ação foi planejada, fomos a pé, saímos para nos encontrar com distanciamento, fizemos o trabalho e voltamos para nossas casas. Trabalhamos de forma que se já estivéssemos infectados não transmitiríamos a ninguém, e também fiz quarentena posterior, para caso tivesse me infectado não transmitisse a ninguém.

Diferente de minhas ações mais recentes, de *performances* com nudez em espaços públicos com muitas pessoas e que almejava justamente provocar o olhar, a moral, e o limite do possível em arte (amparado pela Constituição), contra o *status quo*, o convencionalmente estabelecido de um reacionarismo conservador, agora nesta proposição há o risco de um autoinfligimento do corpo, que se aproxima em certa medida da experiência anterior de me banhar no esgoto, de me arriscar a contrair uma doença. E o gesto de se equilibrar remete a isto, a um risco de se desequilibrar e cair, neste caso se contaminar, alusão poética que pensei. Cabe ressaltar que venho seguindo orientações bem difundidas e embasadas, do isolamento social para desaceleração da propagação do vírus. Digo isto para afirmar que não endosso o discurso de minimização do risco desta doença. Mas mesmo minha rotina de cuidados atual e privações não fui poupado de duras críticas de fazer uma ação na rua neste momento.



Figura 3 Chico Fernandes *O equilibrista*, 2020 foto: Marlah Pritsch

As críticas vieram de forma muito rápida de duas pessoas próximas. Elas vieram sem que elas tivessem o conhecimento da ação propriamente dita (mas que não faria diferença, pois não alteraria a percepção do problema ético que apontavam), pois o cerne da questão era que sair de casa para se fazer qualquer coisa que não fosse de extrema necessidade era uma irresponsabilidade para com o social imensa, e que fazer arte, que



ultrapassasse esta linha, era inadmissível. A única resposta possível para elas neste momento era que a arte se adequasse à necessidade de ficar em casa. Uma amiga disse que meu trabalho endossava a fala do Presidente, que estimulava as pessoas a saírem nas ruas. Uma professora da Universidade falou em “jovens assassinos”.



Figura 4. Chico Fernandes *O equilibrista*, 2020 foto: Marlah Pritsch

A conclusão que tirei dessas críticas é que o trabalho opera uma espécie de dissenso. Como há um esforço coletivo de isolamento social e é recomendado ficar em casa sempre que possível, sair somente para atividades essenciais, como mercado e farmácia, sair para fazer um trabalho artístico seria desnecessário e antiético para elas. Entendi que o trabalho realmente operava neste dissenso, como elas indicavam. Mas ainda considero este trabalho hoje, talvez mude de ideia futuramente. Penso nele também como um trabalho de transição da esfera pública para a esfera privada que vem a seguir. E também acho importante aproximar a dois gestos similares; no dia anterior a artista Patrícia Francisco fez uma bonita ação de escrever COVID-19 na beira do mar de Copacabana, e filmar o processo tanto de sua escrita quanto do mar apagando sua frase, como um apelo ao fim desta tragédia; e no mesmo dia da minha ação foi amplamente divulgado na grande mídia que um grupo de bombeiros se reuniram, e utilizando uma grua da corporação, elevaram um deles ao alto, para tocar um solo de saxofone para as pessoas em casa confinadas, divulgado como um belo gesto. Haveria nestes dois casos também este dissenso como em minha ação.



Figura 5. Chico Fernandes *O equilibrista*, 2020 foto:Marlah Pritsch

### **Ação de Páscoa**

Depois do trabalho da Redenção ocorreu algo como uma espécie de giro no trabalho ao voltar depois de tanto tempo à esfera privada. Apesar das críticas acredito em alguma força e sentido no trabalho anterior, tanto que compartilho aqui, e também por pensá-lo como um trabalho símbolo de uma transição. Tratarei agora do primeiro trabalho que fiz dentro de casa em uma ação pensada exclusivamente para o registro em vídeo. Vídeo em que refaço uma ação minha, de 2003, em que raspei todos os pelos do corpo. A ação durou uma hora e meia e resultou em um vídeo de três minutos. Foi feita durante a madrugada entre sábado e domingo, pois seu sentido estava na ação ser feita no próprio dia. Editei domingo e compartilhei nas redes sociais segunda. É importante esta questão da data e do compartilhamento no momento. Desde alguns trabalhos tenho trabalhado com ações feitas em datas específicas, e compartilhando nas redes sociais logo para que as pessoas tenham a experiência do tempo, senão instantâneo, muito recente. O vídeo é acompanhado por uma fala minha que contextualiza a ação e o sentido de refazê-la no dia da Páscoa.



Hoje, domingo de Páscoa, 12 de abril de 2020, temos uma Páscoa separados durante uma pandemia. Sozinho neste dia, sem ver meu filho de cinco anos a três semanas, e que provavelmente só verei ao final da quarentena, principalmente agora que sua mãe foi para outra cidade ficar com seus pais, e distante também dos meus, que estão no Rio de Janeiro enquanto estou em Porto Alegre... pensei neste dia refazer uma ação que já havia feito em 2003, de tirar os pelos do corpo. Naquela época, com 19 anos, pensava em uma ação para a câmera, mas também em criar a experiência de um estranhamento nas pessoas que encontraria no período posterior. Hoje, em quarentena, este estranhamento de outras pessoas na rua não ocorrerá. Mas algo que dá um novo sentido a esta ação hoje, é o fato de ser feita em um dia que marca um renascimento, uma confraternização familiar da qual estou totalmente privado, e porque também não mencionar, uma das datas mais importantes de estímulo ao consumo no Capitalismo. Algo que ocorre em ambas ações, na de 2003 e de hoje, é o pensamento de que se desnudar já é em certa medida se tornar mais vulnerável, e tirar os pelos do corpo é uma exacerbação desta vulnerabilidade, potencializada por ser feita na solidão de um dia de Páscoa.<sup>4</sup>



Figura 6 Chico Fernandes *Ação de Páscoa*, 2020 2:50 min. <https://vimeo.com/407028340>

Então ocorre que a partir deste trabalho surge uma carga expressiva que destoa tanto dos trabalhos recentes quanto de todos os trabalhos que já havia feito, talvez por estarmos vivendo um momento nunca antes vivido. Estar distante do meu filho e pais nesta data foi marcante para mim, e esta ação trata justamente desta marca, uma ferida, um desamparo, mas também um renascimento.

## Notas sobre a distância (Dia das mães)



Figura 7. Chico Fernandes *Notas sobre a distância (Dia das mães)*, 2020  
foto: Silvio Aguiar (Rio de Janeiro)

Na esteira deste trabalho anterior, quase um mês depois foi o dia das mães, e ainda em confinamento. Este ensaio fotográfico (Figuras 7 e 8) foi imaginado e começou a ser desenvolvido na semana anterior. No início da semana fiz fotos em diversas posições, enviei para minha mãe e pedia que ela fizesse as mesmas posições, fotografadas pelo meu pai, e me enviasse tão logo, para que eu juntasse as imagens. Resultaram em nove dípticos, e compartilho dois aqui. Então no domingo, dia das mães, já tinha as imagens prontas e compartilhei nas redes sociais. Era importante para mim que o trabalho fosse experienciado no ambiente virtual no próprio dia. No trabalho da Páscoa também houve isto. Este trabalho foi acompanhado da seguinte legenda;

Hoje estou distante da minha mãe assim como muitos brasileiros, por medidas de segurança ou outros motivos. Mas ainda sim é preciso comemorar ter mãe. Primeiro porque muitas pessoas já não têm este privilégio desde antes da pandemia, e agora, com mais de 10.000 óbitos devido à pandemia, muitos filhos perderam a sua, e pior, muitas mães perderam seus filhos. Estar distante não é o mais difícil, difícil é não ter confiança, garantias, que em um prazo tão curto quanto dois ou três meses nos veremos. Meses que serão uma prova de fogo. Espero te encontrar em breve!<sup>5</sup>



Figura 8. Chico Fernandes *Notas sobre a distância (Dia das mães)*, 2020  
foto: Silvío Aguiar (Rio de Janeiro)

### ***Singing in the viral rain***

O último trabalho que apresentarei (Figura 8) alude diretamente ao filme e cena clássica do cinema *Cantando na chuva* (1952), quando Gene Kelly canta e dança na chuva uma letra alegre que fala da alegria de se estar apaixonado durante uma tempestade. Cabe lembrar que esta música também foi utilizada por Berna Reale quando fez um vídeo em um lixão de Belém, em que contrapunha a felicidade desta música ao ambiente abjeto em que estava. Vale indicar que com frequência Berna utiliza elementos cênicos e cinematográficos, neste caso utilizou um tapete vermelho e uma roupa dourada, e toda uma produção com múltiplas câmeras de altíssima resolução. A minha versão se aproxima um pouco da Berna por utilizar a música alegre em uma situação não condizente, mas possui outras camadas.





Figura 8. Chico Fernandes *Singing in the viral rain*, 2020 3min. <https://vimeo.com/418641943>

Utilizo a mesma música, mas altero a letra, e quase todos os adjetivos são trocados por seus antônimos. Frases como “*what a glorious feeling*” (que sentimento maravilhoso), é trocado por “*what a horrible feeling*” (que sentimento horrível). E assim segue. A própria versão do título, *Singing in the viral rain* (Cantando durante a chuva viral) remete ao drama da crise sanitária que vivemos atualmente. Encaminho abaixo a letra que fiz alterada, que canto no vídeo, em inglês, com a tradução acessível ao final do texto.

I'm singing in the viral rain  
Just singing in the rain  
What a horrible feeling  
I'm unhappy again  
I'm crying at clouds  
So dark up above  
The sun is not in my heart  
And I'm not ready to die  
Don't let the stormy clouds chase  
Everyone from the place  
Don't go with the viral rain  
I've the death on my face  
I won't walk down the lane  
With a unhappy refrain  
And singing  
Just singing in the viral rain<sup>6</sup>

Destaco a forma diferente de como me aproprio da música em relação à Berna, para além dos diferentes contextos, penso em certo acréscimo em dramaticidade, sobretudo pela mudança na letra da música. Trabalho também com a noção de um baixo materialismo advinda de meus estudos em Georges Bataille, e assim como Bataille, de posicionamentos marxistas. Utilizo este baixo materialismo também como crítica ao Capitalismo, como o trabalho na FIESP indica mais explicitamente. Então também recuso o uso espetacular e cinematográfico no trabalho. A dimensão do intimismo, da baixa produção, a dimensão cômica de um homem gordo e nu que não sabe cantar nem dançar são elementos que me interessam poeticamente.

## **Conclusão**

Acredito que a atualidade, o sentido, a força, tanto do trabalho do Aimberê quanto em refazer suas ações, mas também em outras ações com nudez que não remetem ao artista, estão na contestação, não da Constituição, de infringir a Lei, mas a contestação dos costumes que inculca certos valores arbitrários nas pessoas de forma dogmática. Qual o problema do nu? Nascemos nus! Obviamente não cabe a lascividade erótica, obter prazer de forma não consensual, e por isto sempre evito olhar as pessoas, seja andando de bicicleta ou no réveillon. Então se não há o olhar que se satisfaz, o corpo se torna objeto, em máxima vulnerabilidade. Estar nu em espaço público é experimentar a vulnerabilidade, a contingência, onde tudo pode acontecer na reação dos transeuntes, da polícia. Uma ação insólita pode gerar uma reação insólita. A nudez em meio à cidade provoca a experiência sensorial do estranho, algo que toca profundamente na medida em que temos enraizada a restrição desta experiência. Esta experiência do estranho visa fundamentalmente à dimensão cômica, do riso, do prazer, assim como Georges Bataille nos diz, que seria a experiência mais profundamente humana. Uma ação nu no espaço público não é arte a princípio, quem observa não vê arte, vê loucura, vê devaneio, tem uma experiência sensorial, e/ou uma experiência existencial. O trabalho desperta sensações, que vão desde o riso até o incômodo. Performar nu na rua é incorporar realmente o Bufão<sup>7</sup>, que provoca o incômodo, a provocação necessária na sociedade democrática contemporânea. Sociedade que deve abarcar os poetas, os religiosos, os loucos, os advogados, os médicos, os artistas. Então as pessoas se afetam das mais diversas formas desde o riso até o mal estar, e há também as pessoas que se sentem tão incomodadas que chegam a se sentir agredidas, sendo destas pessoas que sinto medo, mas também talvez a elas seja mais fundamental o contato com este estranho (não-)artístico. E depois do início da pandemia, me vi em um dilema, descobri que o limite irrestrito (não-violento) da liberdade de expressão havia um limite, que se a liberdade mais básica, do ir e vir, precisava ser contida, precisava em meu trabalho me assujeitar, neste caso assujeição no bom sentido do termo. Então me restou seguir pensando em um limite, agora o limite do simbólico, em meio à maior crise sanitária que nós já vivemos (minha mãe de 73 anos nunca viveu nada parecido), e ainda em uma conjuntura política e

econômica brutal e genocida com os índios, os negros, os pobres, as mulheres, e também a nós artistas, trabalhadores e pesquisadores da cultura.

## Notas

---

<sup>1</sup> Texto que trato melhor da questão da nudez em espaços públicos entre 2017 e 2020. Anias do Encontro Anpap Região Sudeste págs 23-37 <https://estadodealerta2020.wixsite.com/anpap-rj/publicacoes>

<sup>2</sup> <https://fernandeschico.wixsite.com/chicofernandes/copia-copia-caminhada-lunar>

<sup>3</sup> Também desenvolvo melhor esta aproximação em texto publicado na nota 1.

<sup>4</sup> Texto meu postado em redes sociais

<sup>5</sup> Texto meu postado em redes sociais

<sup>6</sup> Eu estou cantando na chuva do vírus/Apenas cantando na chuva viral/Que sensação horrível/Estou infeliz de novo/Estou chorando nas nuvens/Tão escuro lá em cima/O sol não está no meu coração

<sup>7</sup> Bobo da corte, bufão ou bufo era o empregado da monarquia encarregado de entreter o rei e rainha e fazê-los rir. Muitas vezes eram as únicas pessoas que podiam criticar o rei sem correr riscos, uma vez que sua função era fazê-lo rir, assim como os palhaços fazem nos dias atuais.

## Referências

BATAILLE, Georges..**A Experiência Interior. Título original; L'expérience intérieure**  
Tradução: Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin São Paulo Ed.  
Ática 1992

\_\_\_\_\_.**A parte maldita; precedida da "A Noção de Despesa"**. Editora imago. Rio de Janeiro

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille** Tradução: Caio Meira, Fernando Scheibe e Marcelo Jacques de Moraes Ed. Contraponto, Rio de Janeiro 2015

<https://www.item.art.br/4> acesso em: 20/02/2020

<https://performatus.net/entrevistas/aimbere-cesar/> acesso em: 15/06/2018

## Francisco (Chico) Fernandes

Chico Fernandes é doutorando em Arte, Experiência e Linguagem pelo PPGArtes- UERJ, e mestre em Linguagens Visuais pelo PPGAV-EBA-UFRJ (2016). Pesquisa relações entre corpo e imagem em sua prática e na de outros artistas, como Aimberê Cesar, Aleta Valente e Fernandes Magalhães. Em sua prática trabalha principalmente com performance, fotografia e vídeo. Desenvolve sua pesquisa como auxílio da bolsa Faperjnota10 Contato: fernandes.chico@gmail.com.